

Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Culturas e história dos povos indígenas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Culturas e história dos povos indígenas [recurso eletrônico]
/ Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-366-8

DOI 10.22533/at.ed.668201609

1. Etnologia. 2. Povos indígenas – História. I. Pereira,
Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 980.41

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Há, na construção tradição narrativa da realidade brasileira, ou do “Mito fundador” como chamou a Marilena Chauí, um lugar constante para as culturas e povos indígenas. Um lugar passivo, esquecido, padrão como toda tradição inventada: em que o real não ocupa tanto espaço quanto o que se espera ser: um indígena que não ocupa os dias atuais, mas pertencem a dias esquecidos como influência.

Não é assim, por mais força que essa imagem tenha no senso comum, que os povos indígenas ocupam seus espaços e lutam por direitos, reconhecimento e conhecimento nos dias atuais. De fato, a própria ideia de “indígena» pode acabar por mascarar a realidade dos grupos e povos e identidades diversas que nos cabem no Brasil. Em todos os continentes, os povos indígenas permanecem enfrentando massiva discriminação, com impactos agravados quando se encontram em situação de minorias, étnicas e lingüísticas. Por isso é extremamente importante a reflexão proposta sobre esse tema. Na tentativa de avançar na desconstrução desse espaço imaginário do indígena mítico, que tem que ser substituído pelo reconhecimento de suas culturas ricas e diversas e de sua luta incessante. Essa cultura vasta e diversificada.

Disponos no Brasil de uma miríade de culturas e saberes, realidades materiais e imateriais. Tomar como objeto, significa, como bem lembra Manuela Carneiro da Cunha (1998) – a cultura global não existe como um imperativo absolutos, enquanto reconhecermos que o local não perde seu poder. Muito pelo contrário, continuam presentes e ativos, com seu espaço e presença enquanto objeto de investigação e de construção da realidade social brasileira.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CRIANÇA GUARANI E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INFANTIL INDÍGENA NA ALDEIA KRUKUTU

Edna Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.6682016091

CAPÍTULO 2..... 13

DISCUSSÃO E CONSTRUÇÃO DE CURRÍCULO NAS ESCOLAS INDÍGENAS DOS POVOS DA REGIÃO DO TAPAJÓS-ARAPIUNS – AMAZÔNIA – BRASIL

Claudio Emidio-Silva

Rita de Cassia Almeida-Silva

Maria Lucia Martins Pedrosa Marra

DOI 10.22533/at.ed.6682016092

CAPÍTULO 3..... 23

DESAFIO DOCENTE E AS PRÁTICAS INCLUSIVAS: O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) NA ESCOLA INDÍGENA DE RORAIMA

Catarina Janira Padilha

Leila Soares de Souza Perussolo

DOI 10.22533/at.ed.6682016093

CAPÍTULO 4 37

A FUNÇÃO AFIRMATIVA DA BIBLIOTECA ESCOLAR COM A MANUTENÇÃO DA CULTURA INDÍGENA

Carla Patrícia Martins Albuquerque

Paulo Roberto de Souza Freitas

DOI 10.22533/at.ed.6682016094

CAPÍTULO 5..... 51

ANÁLISE DO ENSINO PRATICADO EM UMA ESCOLA INDÍGENA: O CASO DA ALDEIA TUXA EM IBOTIRAMA, BAHIA

Adriana Maria dos Santos

Fábio de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.6682016095

CAPÍTULO 6..... 63

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO ALTO RIO NEGRO: ACESSO À EDUCAÇÃO NO CAMPUS IFAM – SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM

Luclécia Cristina Moraes da Silva

Roberta Enir Faria Neves de Lima

Jefferson Aristiano Vargas

Maria Isabel Oliveira Silva

Joscival Vasconcelos Reis

Edilson Martins Melgueiro

DOI 10.22533/at.ed.6682016096

CAPÍTULO 7	77
CANÇÕES DO GRUPO RAÍZES CABOCLAS: A PRESENÇA DO LÉXICO INDÍGENA APLICADA À PEDAGOGIA DO ENSINO BÁSICO	
Karen Francis Maia	
Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.6682016097	
CAPÍTULO 8	88
DESCOLONIZANDO SABERES: UM DESPERTAR COM A TERRA NO ESTUDO DE OUTRAS EPISTEMOLOGIAS	
Aida Brandão Leal	
Rafaela Werneck Arenari	
Janaína Mariano César	
DOI 10.22533/at.ed.6682016098	
CAPÍTULO 9	97
TRABALHO CÊNICO E TEÓRICO: “IKUÃNI” O CORPO DA ANCESTRALIDADE	
Regina Cláudia Moraes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6682016099	
CAPÍTULO 10	107
AUDIOVISUAL E CULTURA INDÍGENA NOS CURTAS METRAGENS DE ADEMILSON “KIKI” CONCIANZA	
Nicolly Cardoso Tiradentes de Souza	
Carolina Fernandes da Silva Mandaji	
DOI 10.22533/at.ed.66820160910	
CAPÍTULO 11	119
ORALIDADES, MEMÓRIAS E NARRATIVAS MĚBĚNGÔKRE: HISTÓRIAS DE UM POVO “SEM ESCRITA”	
Dilma Costa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.66820160911	
CAPÍTULO 12	132
MEMÓRIAS DE FAMÍLIA: RECONSTRUINDO A HISTÓRIA DE JOÃO TOMÁS, REVELA-SE UM PEDAÇO DA HISTÓRIA PANKARARU E DOS ÍNDIOS NO NORDESTE	
Alberto Reani	
Josélia Ramos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66820160912	
CAPÍTULO 13	146
O MOCORORÓ E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS POVOS INDÍGENAS DO LITORAL CEARENSE - RESISTÊNCIA E ESPIRITUALIDADE NOS MODOS DE FAZER E CONSUMIR	
Carolinne Melo dos Santos	
Anna Erika Ferreira Lima	
Ana Cristina da Silva Moraes	

Mateus de Castro Ferreira
DOI 10.22533/at.ed.66820160913

CAPÍTULO 14..... 160

INDICADORES NATURALES SOBRE LAS VARIACIONES CLIMÁTICAS QUE UTILIZAN LOS PUEBLOS INDÍGENAS DE LA AMAZONÍA PERUANA: CASO DE CUATRO COMUNIDADES NATIVAS DE UCAYALI Y MADRE DE DIOS.

Yolanda Ramírez Villacorta
Oliverio Llanos Pajares

DOI 10.22533/at.ed.66820160914

CAPÍTULO 15..... 175

MANEJO FORESTAL DE BOSQUES COMUNALES: ESTRATEGIA PARA LA MITIGACIÓN Y ADAPTACIÓN AL CAMBIO CLIMÁTICO EN COMUNIDADES NATIVAS AMAZÓNICAS DEL PERÚ

Yolanda Ramírez Villacorta

DOI 10.22533/at.ed.66820160915

CAPÍTULO 16..... 187

PROCESOS DE DESCOLONIZACIÓN A PARTIR DE LA “EXPERIENCIA DE LA EXTRAÑEZA” COMO UNA EPISTEMOLOGÍA CONTRAHEGEMÓNICA PARA LAS TRANSFORMACIONES GLOBALES. UNA PERSPECTIVA FEMINISTA

Cornelia Giebeler

DOI 10.22533/at.ed.66820160916

CAPÍTULO 17..... 202

DA LÍNGUA AMEAÇADA ÀS POLÍTICAS DE FORTALECIMENTO: ASPECTOS DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS ASURINI DO XINGU

Rodrigo Mesquita
Adriane Melo de Castro Menezes

DOI 10.22533/at.ed.66820160917

CAPÍTULO 18..... 218

AS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E OS IMPASSES INTERÉTNICOS NA EFETIVAÇÃO DO CONSELHO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS INDÍGENAS DO TOCANTINS

Adriana Tigre Lacerda Nilo

DOI 10.22533/at.ed.66820160918

CAPÍTULO 19..... 229

WARMIPANGUI: CUERPO EN DISPUTA, CONTROL Y DOMINACIÓN

Enoc Moisés Merino Santi

DOI 10.22533/at.ed.66820160919

CAPÍTULO 20..... 238

TERRITORIO ZAPATISTA Y POLÍTICA CIUDADANA

Gloria Patricia Ledesma Ríos
Nancy Zarate Castillo

DOI 10.22533/at.ed.66820160920

CAPÍTULO 21.....248

A EXPERIÊNCIA DOS ‘ESCRAVOS DE CONDIÇÃO’ NO PROCESSO DE LEGALIZAÇÃO DO ESCRAVISMO INDÍGENA DO SÉCULO XVII

Antonio Martins Ramos

DOI 10.22533/at.ed.66820160921

CAPÍTULO 22.....258

INVESTIGAÇÃO DO USO DE ÁLCOOL EM INDÍGENAS KARIPUNA

Fernanda Matos Fernandes Castelo Branco

Divane de Vargas

DOI 10.22533/at.ed.66820160922

CAPÍTULO 23.....271

PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: RESISTÊNCIAS NO PENSAMENTO-AÇÃO DE AILTON KRENAK

Fernanda Elias Zaccarelli Salgueiro

DOI 10.22533/at.ed.66820160923

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....283

ÍNDICE REMISSIVO.....284

INVESTIGAÇÃO DO USO DE ÁLCOOL EM INDÍGENAS KARIPUNA

Data de aceite: 01/09/2020

Fernanda Matos Fernandes Castelo Branco

<http://lattes.cnpq.br/6094144856468605>

Divane de Vargas

<http://lattes.cnpq.br/5516652570438885>

RESUMO: Este estudo objetivou investigar o consumo de álcool em indígenas da etnia Karipuna. Estudo transversal, realizado com 230 indígenas da etnia Karipuna, de 12 aldeias. Para investigação do uso de álcool utilizou-se o *Alcohol Use Disorder Identification Teste* (AUDIT), *Questão Chave* (QC) e o *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test* (ASSIST). Realizou-se análise de frequência e o teste de qui-quadrado para testar significância dos instrumentos utilizados. Os resultados apontaram o uso problemático nas zonas 2, 3 e 4 do AUDIT, com um percentual de 40,5%, conforme o ASSIST, 26,6%, e o uso em binge mais de 4/5 vezes ao ano em consonância com a QC pontuou 42,2%; destes, 9,6% beberam em binge mais de 10 vezes no último ano. Por fim, esta pesquisa não pretende rotular ou estigmatizar os indígenas como alcoolistas, e sim nortear estratégias pautadas na compreensão de valores, atitudes e crenças indígenas, para que possam embasar ações e planejamentos de saúde.

PALAVRAS-CHAVE: População indígena; Transtornos induzidos por álcool; Adição a substâncias.

INVESTIGATION OF THE USE OF ALCOHOL IN KARIPUNA INDIGENOUS PEOPLE

ABSTRACT: This study aimed to investigate alcohol consumption in indigenous Karipuna people. Cross-sectional study carried out with 230 Karipuna indigenous people from 12 villages. The Alcohol Use Disorder Identification Test (AUDIT), Key Question (QC) and Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test (ASSIST) were used to investigate alcohol use. Frequency analysis and the chi-square test were performed to test the significance of the instruments used. The results pointed out the problematic use in zones 2, 3 and 4 of the AUDIT, with a percentage of 40.5%, according to ASSIST, 26.6%, and the use in binge more than 4/5 times a year in line with QC scored 42.2%; of these, 9.6% drank more than 10 times in the last year. Finally, this research does not intend to label or stigmatize indigenous people as alcoholics, but to guide strategies based on the understanding of indigenous values, attitudes and beliefs, so that they can support health actions and plans.

KEYWORDS: Indigenous population; Alcohol-induced disorders; Addition to substances.

1 | INTRODUÇÃO

A população indígena se adaptou ao modo de vida da população branca, e o alcoolismo é uma das principais consequências dessa aglutinação cultural (Melo, Maciel, Oliveira e Silva, 2011). Portanto, quanto maior o contato dos indígenas com a sociedade

envolvente maior é o risco de exposição ao consumo do álcool, além de a outras doenças (Guimarães & Grubtis, 2007). Portanto, o surgimento de bebidas de alto teor alcoólico nas aldeias é algo contemporâneo à colonização e uma consequência do contato com o “mundo dos brancos” (Pena, 2005).

A migração dos povos indígenas para as cidades brasileiras tem aumentado a cada dia devido a diversos fatores, tais como: absorção desses indivíduos no mercado de trabalho das regiões, conflitos por terras, pelo simples fato da falta de estrutura mínima para uma vida digna - como os serviços essenciais de saúde e educação dentro das aldeias, o que ocasiona o deslocamento dos indígenas para as cidades (Coimbra Júnior e Santos, 2000). Isso acaba por contribuir para sua inserção nas periferias das cidades, bem como para a disseminação de doenças, dentre elas, o consumo abusivo de bebidas alcólicas.

Desta via, é importante contextualizar o conceito de padrões de consumo, pois englobam tanto aspectos médicos quanto psicológicos e sociais. Os padrões mais comuns identificados na literatura para o consumo de bebidas são: beber moderado, beber pesado (BP) e beber pesado episódico (BPE); destes, beber moderado é a classificação mais difícil de identificar, pois pode ser interpretado de forma errônea, confundido com o convencional "beber socialmente", que não acarreta consequências negativas à pessoa que consome (Heckmann & Silveira, 2009)

Desta maneira, apesar de os padrões de consumo de álcool adotados neste estudo terem seguido as definições pautadas no modelo biomédico, devido à falta de instrumentos sensíveis e adequados às populações tradicionais, dentre elas as comunidades indígenas, foi considerado os aspectos culturais.

Considerando-se que trabalhos prévios mostram a alta prevalência de uso de substâncias psicoativas entre a população indígena quando comparada à "população branca", a escassez e fragmentação de estudos que permitam entender a realidade destes povos e a ausência de estudos que abranjam esse fenômeno entre os povos indígenas da região norte do Brasil - especificamente entre os povos Karipuna no estado do Amapá -, há carência de estudos que se ocupem de identificar os padrões do consumo de álcool em comunidades indígenas.

Deste modo, este estudo objetivou: Investigar o consumo de álcool em indígenas da etnia Karipuna.

2 | METODOLOGIA

Estudo descritivo de abordagem quantitativa. Foi realizado no município de Oiapoque, que tem uma área equivalente de 22.725,70 Km². O território está inserido na Região Norte do Brasil, no estado do Amapá, na Amazônia brasileira, em região fronteira com a Guiana Francesa, município de Calçoene, Serra do Navio e Pedra Branca do Amapari e Laranjal do Jari (IBGE, 2017).

A fonte de dados utilizada para realização do cálculo amostral inicial foi o censo realizado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) do ano de 2015. A opção pelo uso desse censo se deu pela defasagem de dados existentes em fontes científicas publicadas. Os dados utilizados, apesar de preliminares, são oficialmente utilizados pela Secretaria atualmente, pontuando-se no total uma população de 2.210 indígenas da etnia Karipuna no local do estudo □ nas 12 aldeias participantes (DSEI, 2015)

Para estimativa da amostra tomou-se por base o estudo de Souza e Aguiar (2001) que pesquisou a prevalência de alcoolismo na população Terena no Estado do Mato Grosso do Sul, em população acima de 15 anos, cuja prevalência foi de 17,6%.

Para o dimensionamento amostral e alocação proporcional da amostra, foi utilizada a equação de população finita. De acordo com os cálculos, considerando-se a população que estava de acordo com os critérios de inclusão, o tamanho mínimo da amostra - com base na prevalência presumida de estudo citado acima, com margem de erro de 5%, um intervalo de confiança de 95 - resultou em 202 indivíduos. Embora o cálculo amostral tenha sido de 202 indivíduos, a amostra constituiu-se de 230 indivíduos da etnia Karipuna; assim, foi adotado um número superior, devido às possíveis perdas que poderiam ocorrer durante a coleta de dados.

A amostra foi constituída de seleção aleatória simples, tendo como critérios de inclusão: pessoas que se autodeclararam indígenas; indígenas que vivem aldeados; idade exigida igual ou superior a 15 anos, de ambos os sexos; compreensão da língua portuguesa. Os critérios de exclusão foram: apresentar intoxicação no dia da entrevista; não concordar em participar do estudo, recusando-se a responder os formulários mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; não residir na aldeia selecionada, durante a coleta de dados; estar impossibilitado permanentemente (deficiente auditivo ou mental).

Para a coleta acerca das características clínicas, sociodemográficas e comportamentais e padrão do consumo de álcool foi elaborado um instrumento adaptado à realidade dos povos indígenas da etnia Karipuna, tendo por base instrumento elaborado e aplicado na pesquisa de Medeiros (2011).

Para identificação do padrão do uso de álcool utilizou-se o *Alcohol Use Disorder Identification Teste* (AUDIT), é um questionário composto de 10 questões em que variam as pontuações, identificando-se quatro padrões de uso: consumo que não levará a problemas (baixo risco □ zona 1), consumo que poderá levar a problemas (uso de risco □ zona 2), consumo que provavelmente poderá levar a problemas (uso nocivo □ zona 3), e consumo que provavelmente já acarrete problemas (possível dependência □ zona 4) - os três últimos caracterizam uso problemático. Este instrumento apresenta boa especificidade e sensibilidade para detectar os diferentes padrões nestes casos (Babor, Higgins-Biddle, Saunders & Monteiro, 2008).

A Single Question (SQ), traduzida e validada em estudo que denomina a SQ como Questão-chave (QC) e explica que esta apresentou boa concordância entre os juízes em

relação ao conteúdo e com desempenho psicométrico (Maciel e Vargas, 2017).

Também foi aplicado o *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test* (ASSIST). O ASSIST, segundo, pesquisadores que validaram este instrumento no Brasil, é adequado para serviços não especializados e pode ser utilizado por profissionais de diversas áreas. É padronizado, de fácil aplicação, mas demanda maior tempo por abordar várias classes de substâncias. Demonstra boa confiabilidade, sensibilidade, especificidade, consistência interna e factibilidade (Henrique, Micheli, Lacerda e Formigoni, 2004).

Antes do início das atividades de campo foi desenvolvido um estudo piloto com os instrumentos referente a esta pesquisa, que foi adaptado à realidade das comunidades indígenas locais, pelo fato de a temática de álcool e outras drogas ser algo estigmatizante.

Foram realizadas entrevistas com indígenas da etnia Karipuna, com os próprios alunos indígenas dos mais variados cursos existentes na instituição, Licenciatura Intercultural Indígena, Geografia, História, Enfermagem e Pedagogia. Foram entrevistados 30 discentes da etnia Karipuna, sendo alguns deles moradores das próprias aldeias que, na sequência, foram visitadas, bem com uma pequena parcela que mora na cidade, mas ainda mantém contato com a aldeia de origem. Os dados foram coletados após autorização do diretor do Campus para utilização do espaço e execução da pesquisa.

Deste modo, foram observadas as reações e o entendimento dos entrevistados em relação ao instrumento a ser aplicado, incluindo-se as adequações necessárias para facilitar a compreensão e não comprometer a coleta de dados. Deste modo a investigação do uso de álcool em indígenas Karipuna, somente ocorreu nas aldeias após a adequação vocabular dos instrumentos utilizados.

Após o teste do formulário para validação das perguntas, reordenamento das questões, tempo de aplicação do formulário completo, além da técnica de arrolamento dos indivíduos participantes, a equipe foi até as aldeias para a coleta nos domicílios dos indígenas. Após o sorteio das residências foi feito contato pessoal com os possíveis participantes para apresentar a pesquisa e solicitar leitura e assinatura do Termo Consentimento Livre e Esclarecido; em seguida foi aplicado o instrumento da coleta aos participantes selecionados.

A análise dos dados foi realizada por meio do software Excel, de modo a permitir a checagem de erro na digitação e devidas correções. A análise estatística foi obtida usando-se o software estatístico SPSS versão 20.0. Inicialmente foi feita a análise de frequência dos dados sociodemográficos clínico-comportamentais e do uso de álcool nas comunidades indígenas. Na sequência realizou-se o teste de qui-quadrado para testar significância dos instrumentos utilizados.

Esta pesquisa cumpriu todos os trâmites necessários conforme a Resolução do Conselho Nacional de Saúde que envolvem os seres humanos (Brasil, 2012) e a Resolução 304/00, no que se refere a pesquisas com populações indígenas (Brasil, 2000), tendo sido aprovada com o parecer 1.872.185.

3 | RESULTADOS

A amostra caracterizou-se predominantemente como do sexo masculino (51,3%), na faixa etária de 16 a 30 anos (46,5%), união estável/amigado (55,7%), católicos (71,1%), ensino fundamental incompleto (28,3%), trabalhadores ativos (45,9%) e sem renda (53,5%). Em se tratando dos processos migratórios, 79,9% dos entrevistados afirmaram que já migraram da aldeia de origem, 76,6% moraram em outro território indígena na região Norte e 36,2% relatam mudança para constituição de família.

No que tange às características clínicas e comportamentais da amostra, os resultados obtidos através dos autos relatos evidenciaram que 19% têm alteração de pressão, 3,1%, diabetes, 5,4%, depressão, 13,5% pensaram em suicídio, 9,5% tentaram suicídio, 9,6% não informaram se têm parceiro fixo, 48,6% não usam preservativo, 0,5% já foi diagnosticada com infecção sexualmente transmissível; e 35,6% confirmaram relações sexuais após consumo de álcool e outras drogas.

O teste piloto foi realizado a fim de garantir as adequações solicitadas para os instrumentos utilizados, tanto os que já foram validados e já citados como o formulário de caracterizações sociodemográficas, clínicas, comportamentais e de padrão de consumo de álcool em povos indígenas da etnia Karipuna do município do Oiapoque.

As adequações do formulário estão relacionadas abaixo.

Antes	Depois
Quantos anos leva no território indígena?	Quantos anos mora em território indígena?
Tem parceiro fixo?	Você faz relações sexuais/amorosas com uma ou mais pessoas?
Faz uso de preservativo nas relações sexuais?	Faz uso de camisinha nas relações sexuais?
Caxiri	Caxixi
Você já foi diagnosticado com alguma doença sexualmente transmissível?	Você já foi diagnosticado com alguma doença devido ao ato sexual?
Qual foi o ambiente/local que teve acesso o primeiro contato com a bebida alcóolica?	Foram acrescentadas as opções 'festividades sociais e festividades religiosas a pedido dos entrevistados
A bebida já causou ou causa a você problemas como:	Foi retirada a opção dificuldade de acesso à escola , pois os entrevistados afirmaram que se parecia muito com a opção prejuízos nas atividades escolares .
Qual (is) motivo (s) que você considera que o levou (aram) a beber?	Solicitaram a troca do termo não branco por homem branco

Você considera o uso de bebidas alcóolicas um problema

Ficaram confusos e perguntaram para *quem*? Assim, foi transformada: Você considera o uso de bebidas alcóolicas um problema na sua comunidade?

No AUDIT as adequações foram:

Antes

Quando você bebe, quantas doses você costuma tomar?

Com que frequência você toma seis doses ou mais numa única ocasião?

Nas perguntas em que aparece a terminologia “último ano”, por exemplo: Com que frequência, durante o último ano, você achou que não seria capaz de controlar a quantidade de bebida depois de começar a beber?

Com que frequência, durante o último ano, você não conseguiu cumprir com algum compromisso por causa da bebida?

Depois

Foi explicado o que é uma dose a partir da figura abaixo, com adaptação dos desenhos a cuias e copos comumente utilizados nos domicílios; e assim era feita a estimativa de doses, a partir do tamanho do objeto utilizado pelo entrevistado.

Foi levantado o mês em questão referenciando-o ao ano anterior, como, por exemplo, em uma coleta feita no mês de maio: De maio, no ano passado até hoje, você achou que não seria capaz de controlar a quantidade de bebida depois que começou a beber?

O termo “algum compromisso” foi adaptado para as atividades comumente realizadas, tais como: ir à roça, deixar de trabalhar, estudar, etc.

Para a mensuração de doses, sempre foi considerado a cuia, objeto este bastante utilizado pelos indígenas para consumo de caxixi e demais bebidas alcóolicas, como se pode observar na Figura 1:



Figura 1: Objeto utilizado pelos Karipuna para consumo de bebidas alcóolicas, principalmente o caxixi

Fonte: Museu do Índio – Botafogo/RJ. Disponível em: <http://museudoindiorj.blogspot.com.br/2011/12/fabricacao-de-cuias-e-uma-atividade.html>

Na QC, ou seja, na Questão-chave, assumiu-se o mesmo padrão de dose adotado no AUDIT.

E no ASSIST, as adaptações foram as seguintes.

Antes	Depois
Bebidas alcóolicas	Sempre era mencionado o caxixi
Na opção outras	Era explicado qualquer substância que não tivesse sido prescrita por profissional de saúde
Nas perguntas que utilizaram a terminologia últimos três meses, por exemplo: Durante os três últimos meses, com que frequência você utilizou essa (s) substância (s) que mencionou?	Em uma coleta feita no mês de maio foi substituída pela seguinte pergunta (Do final de fevereiro até hoje, com que frequência você utilizou essa (s) substância (s) que mencionou?)
Alguma vez você já usou drogas por injeção? - Uso não médico	Em referência ao uso de drogas por injeção, sempre se esclarecia sem ser em hospital, posto médico ou qualquer serviço de saúde, aplicado sozinho e sem recomendação médica.

Portanto, após a adequação dos instrumentos utilizados, evidenciou-se a distribuição dos entrevistados por aldeias, mostrando os consumidores e não consumidores de bebidas alcóolicas no local pesquisado, como evidencia-se na Figura 2:

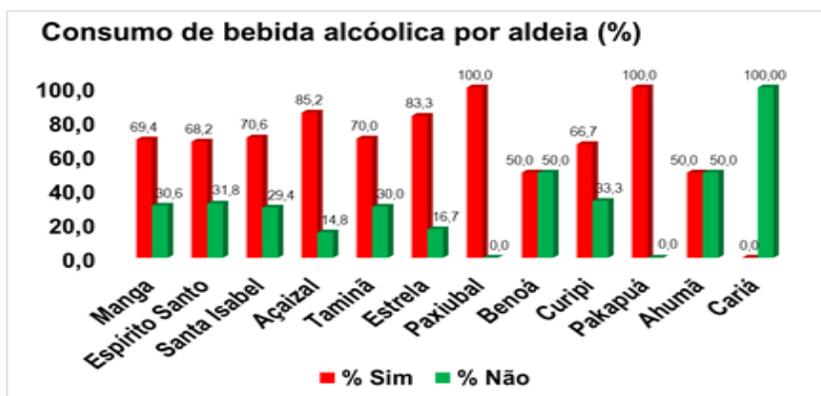


Figura 2 – Consumidores e não consumidores por aldeia da etnia Karipuna

Para identificar o padrão do consumo de álcool entre os indígenas da etnia Karipuna foram utilizados três instrumentos para rastreamento (AUDIT, QC e ASSIST), como podemos evidenciar a seguir.

Os padrões de consumo de álcool, a partir da aplicação do AUDIT, evidenciando que 59,5% se encontram na zona 1, 32,1% pertencem à zona 2 - consumo de risco, 6%,

à zona 3 - uso nocivo ou consumo de alto risco e 2,4% pertencem à zona 4 - provável dependência.

De acordo com os resultados obtidos com a aplicação do ASSIST, observou-se que: 73,4% não necessitam de intervenção alguma (o que não quer dizer que sejam abstêmios, podendo fazer um consumo sem maiores danos, ou seja, o uso ocasional), 26% precisam de intervenção breve (indicam abuso) e 0,6% deve ser encaminhado para tratamento mais intensivo (sugere dependência).

Quando utilizada a questão-chave para saber quantas vezes os homens tinham bebido cinco doses ou mais e as mulheres quatro doses ou mais, numa mesma ocasião, ou seja, o uso em binge, no último ano foram encontrados os seguintes dados: 33%, nenhuma vez (lembrando-se que neste percentual se encontram pessoas abstinentes bem como pessoas de uso ocasional/baixo risco, 24,8% de uma a três vezes, 20,4% de quatro a seis vezes, 12,2% de sete a 10 vezes e 9,6% mais de 10 vezes, ou seja, que fazem uso em binge, ultrapassando o limite de doses seguras e adotando um uso de risco.

Em suma, considerando-se uso problemático as zonas 2, 3 e 4 do AUDIT, houve um percentual de 40,5%, conforme o ASSIST, 26,6%, e o uso em binge mais de 4 vezes ao ano em consonância com a QC pontuou 42,2%; destes, 9,6% beberam em binge mais de 10 vezes no último ano.

A partir dos instrumentos aplicados foi realizado o teste de qui-quadrado para fazer o cruzamento dos instrumentos aplicados. Os dois instrumentos aferiram os padrões de consumo no último ano, apresentando-se uma associação positiva ($p=0,04$); a figura 3 mostra que quanto maior é a quantidade de vezes do consumo do indivíduo em binge - ou seja, quanto maior número de vezes a pessoa ultrapassa o limite de doses seguras no decorrer do ano -, maior é a chance de pertencer às zonas 2 e 3 do AUDIT, o que indica um consumo problemático.

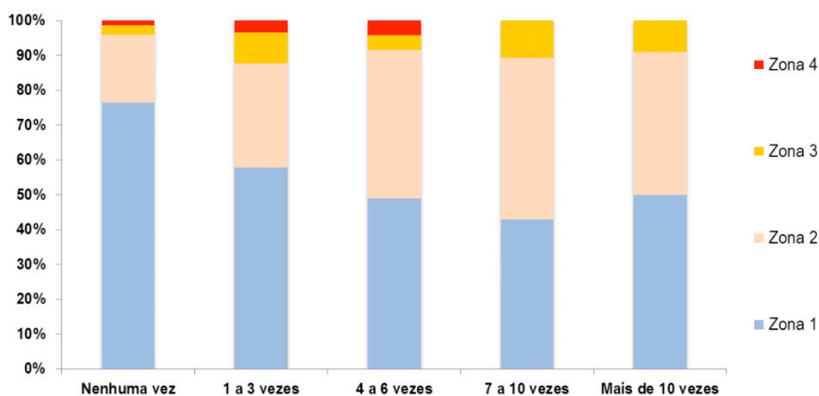


Figura 3: Cruzamento do AUDIT e Questão Chave

Quando se buscou o cruzamento do AUDIT com o ASSIST observou-se uma associação estatisticamente significativa ($p=0,001$). Na figura 4 observou-se que os indivíduos que foram classificados em *receber intervenção breve e serem encaminhadas para tratamento*, que indica uso abusivo e sugere dependência, respectivamente, segundo a padronização da pontuação do ASSIST, estão nas zonas 2 (consumo de risco) e 3 (uso nocivo/alto risco) do AUDIT, sendo, portanto, estes, uso problemático.

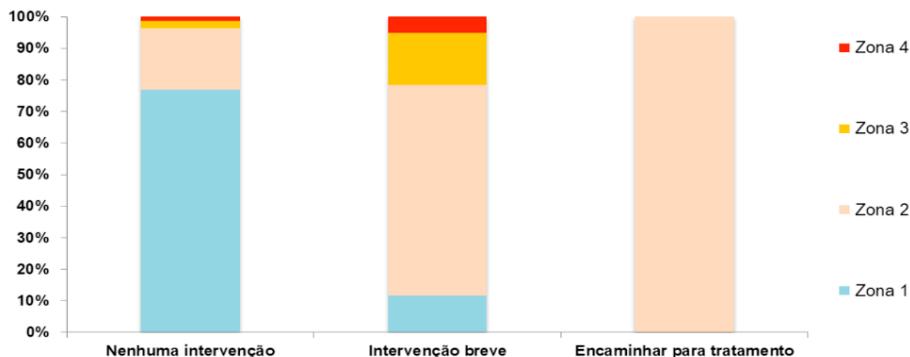


Figura 4: Cruzamento AUDIT e ASSIST

4 | DISCUSSÃO

No que tange aos padrões do consumo de álcool, quando foram aplicados os três instrumentos (AUDIT, ASSIST e Questão chave) perceberam-se diferenças nos resultados.

Considerando-se que o AUDIT e a Questão-Chave abordam o consumo no último ano e o ASSIST, nos últimos três meses, podem-se associar tais divergências à temporalidade, além de que a coleta ocorreu próxima das festividades culturais das aldeias investigadas. Por isso adotamos os três instrumentos para não presumir um uso problemático, sem haver inferência quanto aos aspectos socioculturais. Além disso, cada instrumento tem uma aplicabilidade diferenciada e própria, o que implica processos avaliativos distintos dos padrões de consumo de substâncias psicoativas.

Ademais, mesmo que a QC tenha pontuado um escore de 1,7% a mais que o AUDIT quando considerado o uso problemático, evidenciou-se uma associação estatisticamente significativa quando realizado o cruzamento dos dois instrumentos; portanto, o uso problemático segundo o AUDIT foi mais comum em pessoas que fazem uso em binge com maior frequência durante o ano.

Quando estimada a média do padrão de uso de bebidas alcóolicas a partir do ASSIST, houve um decréscimo nas taxas de prevalência (26,6%) do uso problemático. Isto pode estar associado ao tempo em que se fez a avaliação, ou seja, apenas nos últimos

três meses, quando muitos afirmaram ter bebido no decorrer do último ano ao serem questionados nos demais instrumentos (AUDIT e QC), mas ressaltaram que recentemente tinham abandonado o uso de bebida alcoólica devido à conversão de crença religiosa, pois se tornaram evangélicos.

O cruzamento do AUDIT com o ASSIST também apresentou associação significativamente estatística, relacionando-se o uso problemático nos dois instrumentos comparados, mesmo com métodos e avaliações de tempo diferenciado.

Devido à questão temporal, especula-se que a diminuição nos escores esteja associada à entrada das igrejas evangélicas nas aldeias, conforme (Santiago, 2014); uma vez que isto ocasionou mudanças comportamentais em diversos membros alguns deles se converteram e outros abandonaram a aldeia de origem por não concordar com a perda das tradições culturais, como as danças e beber o caxixi. Estudo de Carvalho Júnior (2005), mostra que os missionários religiosos adentram em diversas etnias indígenas e transformam as aldeias em locais de verdadeiros núcleos multiétnicos.

Pela ausência de instrumentos adaptados à cultura indígena, foram utilizados instrumentos pautados no modelo biomédico aplicado à população geral, mas foram levados em consideração os aspectos socioculturais de uso a fim de garantir maior veracidade nos resultados.

A falta de instrumento de rastreio adequado a essas populações tradicionais - como pode ser claramente evidenciado em estudo de Souza, Schweickart e Garnelo (2007), que utilizou o *Cut down, Annoyed, Guilty, Eyer-opener* (CAGE) como instrumento de rastreio conclui de que este é inadequado, pois se trata de um procedimento universal utilizado para identificar dependência e é preciso entender as situações sociais, pois essas condições são necessárias para adequar as respostas dos entrevistados. Na população do Alto Rio Negro consideram-se "beber problema as pessoas que apresentam comportamento violento, as que são mau exemplo para os filhos e para a comunidade, aquelas que se esquecem de seus atos após ingestão de substâncias alcoólicas, bem como as que apresentam comprometimento das atividades laborais.

Portanto, não se pode pensar no uso do álcool pautado apenas no uso negativo, pois é notório que, apesar dos malefícios causados, ainda se tem a questão cultural que é fortemente relacionado aos padrões de consumo. Além de que existe uma gama de variedade dos contextos nos quais os indígenas fazem uso do álcool (Castelo Branco, Miwa e Vargas, 2018).

A mensuração do uso de álcool é desta maneira, relevante e essencial, pois aponta a necessidade de maior variedade de instrumentos confiáveis para uso na prática assistencial e no campo da pesquisa, pois estes facilitam a detecção dos comportamentos de risco, uso abusivo, dentre outros aspectos, além de nortear estratégia de prevenção e planejamento de tratamento e intervenção. Entretanto, é necessário adotar referenciais de adaptação cultural padronizados, que considerem o contexto biopsicossocial do uso

problemático (Claro, Oliveira, Almeida e Vargas, 2011).

Esta pesquisa não pretende rotular ou estigmatizar os indígenas como pessoas doentes e/ou alcoolistas, e sim nortear estratégias pautadas na compreensão de valores, atitudes e crenças indígenas, para que possam embasar ações e planejamentos de saúde, em todos os níveis de atenção.

Os dados aqui apresentados devem ser interpretados para além das limitações relacionadas ao próprio delineamento dos estudos observacionais, dentre elas podem-se elencar: a recusa em participar por parte de alguns indígenas, em sua maioria de indivíduos do sexo masculino, uma vez que o sexo se mostrou como um importante preditor do uso problemático do álcool; o viés de memória, quando se questionava sobre o consumo de álcool no último ano, pode ter levado a perda de respostas fidedignas por parte de alguns entrevistados. Outra limitação foi a não autorização de todas as aldeias da etnia Karipuna para adentrar em seus territórios e realizar a pesquisa.

Ademais, as contribuições deste estudo, a partir dos dados encontrados, sobreleva-se a importância de aprimorar a área de adições dentro das comunidades indígenas, pois se trata de uma temática pouca explorada e que necessita de dados epidemiológicos para nortear ações e medidas futuras pautadas no contexto sociocultural vivenciado dentro de cada etnia indígena, tudo com vistas à prevenção ou mesmo à minimização dos danos causados pelo uso de álcool e até das demais drogas.

Este trabalho contribui para que novos instrumentos sejam criados, desenvolvidos e validados para o rastreamento do consumo de substâncias psicoativas, de maneira sensível, para assim avançar em dados importantes e imperativos para uma melhoria na qualidade de vida dos povos indígenas e evitar ao máximo os possíveis danos advindos do uso problemático de bebidas alcólicas.

5 | CONCLUSÃO

Os dados da amostra pesquisada são relevantes para a visibilidade da temática diante da escassez de estudos na área, bem como para incentivar e contribuir com o desenvolvimento de outras pesquisas junto aos indígenas Karipuna, o que proporcionaria o avanço de trabalhos científicos com as mais variadas etnias indígenas existentes, sendo esta a maior potencialidade do presente estudo.

Diante disso tudo se espera que os órgãos competentes para o assunto, juntamente com as equipes de saúde e as lideranças indígenas, deem maior visibilidade à área de saúde mental, com destaque para a problemática do uso de álcool, visando assim à tomada de medidas preventivas e de minimização dos danos causados por tal substância e na busca por entender os fatores que contribuem para esse consumo, mesmo que na maioria das vezes ele ocorra em ocasiões pontuais, pois ainda nessas situações geram danos consideráveis à saúde do indígena, afetado diretamente, como também à própria aldeia na

qual reside e mantém seus vínculos sociais e afetivos.

REFERÊNCIAS

BABOR, T. H., HIGGINS-BIDDLE, J. C., SAUNDERS, J. B & MONTEIRO, M. G. **AUDIT - Teste de Identificação de Problemas Relacionados ao Uso de Álcool: Roteiro para Uso em Atenção Primária**, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº466 de doze de dezembro de 2012**. 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº304/00 de nove de agosto de 2000**. 2000. Disponível em: <https://www.fundaj.gov.br/images/stories/cep/reso304.pdf>.

CARVALHO JÚNIOR, A. D. **Índios cristãos: a conversão dos gentios na Amazônia portuguesa**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil, 2005.

CASTELO BRANCO, F. M. F., MIWA, M. J E VARGAS. Consumo de álcool em comunidades indígenas brasileiras: uma revisão literária. **Enfermagem em foco**, v.9, n. 3, p.8-12, 2018.

CLARO, H. G., OLIVEIRA, M. A. F., ALMEIDA, M. M., VARGAS, D E PLAGLIONE, H. B. Cultural adaptation of data collection instruments for alcohol and drugs measurement. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas**, v.7, n.2, p.71-7, 2011

COIMBRA JÚNIOR, C. E. A E SANTOS, R. V. Saúde, minorias e desigualdade: algumas teias de inter-relações, com ênfase nos povos indígenas no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.5, n.1, p.125-32, 2000.

GUIMARÃES, L. A. M E GRUBITS, S. Alcoolismo e violência em etnias indígenas: uma visão crítica da situação brasileira. **Psicologia & Sociedade**, v.19, n.1, p.45-51, 2007.

HECKMANN, W & SILVEIRA, C. M. Dependência do álcool: aspectos clínicos e diagnósticos. In: Andrade, A. G., Anthony, J. C & Silveira, C. M. **Álcool e suas consequências: uma abordagem multiconceitual**. Barueri: Minha Editora, p. 67-87, 2009.

HENRIQUE, I. F. S., MICHELI, D., LACERDA, R. B, LACERDA, L. A E FORMIGONI, M. L. O. S. Validation of the Brazilian version of Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test (ASSIST). **Revista da Associação Médica Brasileira**, v.50, n.2, p.199-206, 2004.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE. 2017. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>

MACIEL, M. E. D E VARGAS, D. Cultural adaptation and content validation of the Single-Question for screening alcohol abuse. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, v.7, ne03292, p. 1-6, 2017.

MEDEIROS, A. C. L. V. **O consumo de bebida alcoólica e o trabalho no povo indígena Xukuru do Ororubá**. Dissertação de Mestrado. Recife: Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

MELO, J. R. F. D., MACIEL, S. C., OLIVEIRA, R. C. C E SILVA, A. O. Implicações do uso do álcool na comunidade indígena Potiguara. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v.21, n.1, p.319-333, 2011.

Oiapoque (Município). **Fundação Nacional do Índio. População DSEI Amapá e Norte do Pará, 2015.**

PENA, J. L. Os índios Maxakali: a propósito do consumo de bebidas de alto teor alcoólico. **Revista Estudos e Pesquisa - Fundação Nacional do Índio**. v.2, n.2, p. 99-121. 2005

SANTIAGO, A. **Índios deixam costumes tradicionais e viram evangélicos em aldeia do Amapá**, 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2014/06/indios-deixam-costumes-tradicionais-e-viram-evangelicos-em-aldeia-no-ap.html>.

SOUZA, J. A E AGUIAR, J. I. O alcoolismo em população Terena no Estado do Mato Grosso do Sul: impacto da sociedade envolvente. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Anais do Seminário sobre Alcoolismo e Vulnerabilidade às DST/AIDS entre os Povos Indígenas da Macrorregião Sul, Sudeste e Mato Grosso do Sul**, p.149-165), 2001.

SOUZA, M. L. P., SCHWEICKART, J. C E GARNELO, L. O processo de alcoolização em populações indígenas do Alto Rio Negro e as limitações do CAGE como instrumento de screening para dependência ao álcool. **Revista Psiquiatria Clínica**. v.34, n.2, p.90-96, 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aldeia Tuxa 51

Amazônia 13, 17, 43, 44, 45, 75, 76, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 105, 130, 160, 175, 218, 250, 252, 259, 269

Ancestralidade 89, 90, 92, 97, 98, 100, 101, 104, 113, 151, 152, 156, 157, 158

Audiovisual 99, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 116

C

Comunidades Nativas 160, 162, 165, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184

Construção de Currículo 13

Criança Guarani 1

Curtas Metragens 107, 109

D

Descolonização 89

Disputa 229, 235, 243, 249, 274

E

Educação Escolar 1, 2, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 21, 22, 27, 30, 35, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 70, 75, 76, 121, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 216, 224

Educação Intercultural 8, 14, 22, 24, 35, 63

Escolas Indígenas 7, 8, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 26, 29, 32, 34, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 67, 68, 74, 76, 92, 202

Escravidão Indígena 248

Espiritualidade 94, 141, 146, 148, 156, 158

I

Indígenas Karipuna 258

L

Léxico Indígena 77, 80, 81, 83, 85

Língua Ameaçada 12, 202

M

Memórias 10, 65, 66, 88, 89, 91, 92, 95, 102, 110, 116, 119, 132, 135, 144

O

Oralidades 119

P

Políticas 15, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 48, 54, 64, 65, 67, 68, 75, 89, 111, 123, 127, 129, 136, 145, 149, 163, 178, 191, 200, 202, 203, 204, 205, 208, 214, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 244, 249, 251, 253, 270, 277

Políticas de Fortalecimento 202

Práticas Inclusivas 23, 24, 29, 31, 33, 34

R

Resistências 90, 132, 144, 271



Culturas e História dos Povos Indígenas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2020



Culturas e História dos Povos Indígenas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2020